III Congresso Internacional
das Licenciaturas
COINTER - PDVL2016

IMPORTÂNCIA CULTURAL DA FEIRA LIVRE PARA A POPULAÇÃO DO MUNICÍPIO DE PICUÍ-PB

Apresentação: Comunicação Oral

Josefa Patrícia Balduino Nicolau¹; Tatiana Priscila Pereira de Araújo²; Sebastiana Joelma de Azevedo Santos³ Frederico Campos pereira⁴

Resumo

Este trabalho tem como objetivo avaliar a importância cultural da feira livre de Picuí/PB para a população local. Para a preparação desse estudo foram empregados os seguintes procedimentos metodológicos: levantamento bibliográficos, visitas ao local, entrevistas, diálogos com a população local e registros fotográficos objetivando desta forma conhecer a opinião dos feirantes, consumidores, comerciantes e moradores sobre a importância cultural da existência dessa feira livre. Por fim, conclui-se que a feira é de suma importância para a sociedade pelo valor de manter viva a cultura local.

Palavras-Chave: Feira-Livre, Picuí/PB, importância cultural

Introdução

Segundo Vieira (2004), as feiras livres constituem-se em uma prática comercial muito antiga, que garante o suprimento de gêneros alimentícios das cidades nordestinas. Embora percebida como modelo comercial ultrapassado, que preserva características medievais, as feiras promovem o desenvolvimento econômico e social, fomentando a economia das pequenas cidades interioranas.

As feiras livres têm desempenhado um papel muito importante na consolidação econômica e social, especialmente da agricultura familiar sob o ponto de vista do feirante, representando também um espaço público, socioeconômico e cultural, extremamente dinâmico e diversificado sob o ponto de vista do consumidor (GODOY e DOS ANJOS, 2007).

No Brasil, desde o período Colonial, as feiras-livres se fazem presentes como importante tradição cultural ibérica implantada pelos colonizadores em nosso país. Nesse contexto afirma-se que as feiras medievais portuguesas, cuja periodicidade chegava a ser até semestral ou anual devido à intensa e rigorosa preparação que exigiam, refletiram na organização das feiras brasileiras.

¹ Graduada em Agroecologia, Campus Picuí – PB. (83)9935-4529 patricia.balduino@hotmail.com

² Graduada em Agroecologia, Campus Picuí – PB. (83)99984567tatiagroecologia@gmail.com

³ Graduada em Agroecologia, Campus Picuí – PB. (83)99934564Joelmaifpbpicuy@gmail.com

⁴ Prof. Dr. Agroecologia IFPB, Campus Picuí – PB. (83)9618-0144 fredcampos2000@yahoo.com.br

Como uma modalidade periódica de comércio, elas desempenham um papel importante no abastecimento urbano e para o rural possibilitou que esse contingente populacional conseguisse vender o que excede em sua produção e ainda pudesse adquirir produtos os quais não produziam desde ferramentas a roupas e utensílios domésticos. É nesse espaço vivido que evoluem e se desenvolvem as relações entre a cidade e o “campo”. E segundo uma forma de estrutura em que gênero de vida e modo de vida se organiza, centrados nos respectivos modos de produção (MOREIRA, 2005). Compreendendo que as atividades comerciais afetam toda a dinâmica de uma região, estas refletem na organização do espaço, que é o objeto de estudo da Ciência Geográfica. Ou ainda, influencia na política, na economia, nos modos de vida e nas relações entre os sujeitos sociais.

Tendo como foco as feiras-livres, compostas basicamente por produtos agrícolas, mas que a partir do início do século XXI passaram a apresentar uma maior diversidade de produtos foi necessário ser efetivado um debate sobre o processo sobre a importância cultural deste espaço. Assim, pode-se compreender o valor desta atividade para a categoria de trabalhador intitulada “feirante” e para a própria organicidade dessa cidade e a relação que ela estabelece com o campo.

Fundamentação Teórica

Na literatura internacional, as feiras livres são denominadas de *marché* (francês) ou *periodic market* (inglês), que significam, respectivamente, mercado e mercado periódico. No Brasil, as feiras livres se assemelham a esses mercados europeus, caracterizadas pelos produtos expostos em barracas e vendidos em praças para o abastecimento local, mais que as feiras propriamente ditas, eventos de negócios regionais, realizados anualmente, e denominadas na Europa de *foire* (francês) ou *fair* (inglês) (FERRETTI, 2000 Apud QUEIROZ, AZEVEDO 2012).

No Brasil a agricultura familiar é responsável pela geração de mais de 80% da ocupação das áreas rurais do país, passando a ser o setor que gera mais emprego no campo (por 7 de cada 10 empregos) e por cerca de 40% da produção agrícola que é direcionada a mesa da população brasileira. Atualmente a maior parte dos alimentos que abastecem a mesa dos brasileiros vem das pequenas propriedades. A agricultura familiar favorece emprego de práticas produtivas ecologicamente mais equilibradas, como a diversificação de cultivo, o menor uso de insumos industriais e a preservação do patrimônio genético. Em 2009 cerca de 60% dos alimentos que compuseram a cesta alimentar era oriundo da Agricultura Familiar. (EMBRAPA 2014)

De acordo com os dados do Departamento Sindical de Estudos Rurais (DESER 1997, p.2) a agricultura é o principal agente propulsor do desenvolvimento comercial e consequentemente, dos serviços nas pequenas e médias cidades do interior do Brasil. Basta um pequeno incentivo à agricultura para que se obtenham respostas rápidas nos outros setores econômicos.

A relação direta entre o feirante e o consumidor possibilita a diminuição dos custos da comercialização, fazendo com que as feiras se coloquem como canais potencialmente mais eficientes, além de favorecer uma aproximação e a troca de saberes entre os agricultores-agricultores e agricultores- consumidores (COELHO 2009). As feiras livres podem ser consideradas a expressão de um complexo de relações sociais e econômicas que ocorre dentro de um determinado espaço público. Ela apresenta uma relevância irrefutável principalmente no nordeste brasileiro por ser a única fonte de renda de inúmeras famílias que por fatores diversos, não conseguiram se inserir no mercado de trabalho via empregos, sendo a feira livre, em seu rico complexo de atividades uma das poucas alternativas de sobrevivência.

A questão da relação do trabalho na feira-livre é muito instigante, uma verdadeira teia de relações que se forma através dela. A característica mais marcante e notória em relação às diversas formas de trabalhos encontradas no interior da feira-livre é a questão da informalidade. (MENEZES 2005). Segundo Santos (1979) o espaço urbano das cidades dos países periféricos fornece varias indicações que servem como elemento norteador, para que possamos enquadrar com segurança a feira-livre como pertencente ao circuito inferior da economia urbana dos países periféricos.

Ao vincularmos suas características ao quadro comparativo dos dois circuitos da economia urbana dos países periféricos como: mão-de-obra desqualificada, capital relativamente pequeno, estoques de mercadorias baixos, os preços são negociáveis entre o comprador e o comerciante. (SANTOS 1972, p.102).

Metodologia

O trabalho desenvolvido tem como objetivo avaliar a importância cultural da feira livre de Picuí/PB para a população local. Dessa forma, os dados obtidos foram por meio de entrevistas, diálogos e visitas à feira. Para se proporcionar uma maior veracidade dos dados obtidos buscou-se garantir total liberdade aos entrevistados para que expusessem suas opiniões.

Na região do Curimatau paraibano destacam-se, as feiras livres por ser um aporte a economia regional. Em Picuí/PB, essas feiras são espaços de venda de produtos da agricultura familiar, e representam uma alternativa viável para os agricultores, pois eliminam os atravessadores e possibilitam o contato direto com os consumidores. De acordo com os dados fornecidos pela secretaria municipal de serviços urbanos, A feira livre de Picuí funciona no centro da cidade, próximo ao mercado público municipal, ocupando principalmente a Rua Manoel Lucas, e parte das ruas Vicente Ferreira de Macedo e prefeito Ananias Pereira. Contando com o número de 99 feirantes registrados. Sendo essa, dividida em bancas, feirantes ambulantes, bares e comercio fixo. Tem início sexta noite, aproximadamente às 18 horas, perdurando até o sábado por volta de 12h. A Feira é realizada continuamente, sendo classificada em permanente, seus setores de venda estão

distribuídos em hortifrutigranjeiros, açougue, cereais, vestuário, utensílios domésticos, comércio informal e bares.

A prefeitura cobra uma pequena taxa dos feirantes que varia de acordo com tamanho da banca. A feira conta com o apoio de um mercado público, sendo o mesmo em bom estado, não se encontra com condições ideais de limpeza e organização e seus banheiros encontra-se com condições precárias para o uso público.

A análise da percepção dos comerciantes, consumidores, feirantes e moradores da Feira ocorreram por meio da identificação de seus discursos sobre o que eles julgavam sobre o local estudado. As entrevistas foram realizadas no mês de Setembro em dois momentos: na noite de sexta, e no sábado, dia em que ocorre a feira.

Resultados e Discussão

A feira de Picuí/PB concebe a modalidade de varejista ao ar livre, acontecendo num período semanal, está voltada para diversificação e distribuição de gêneros alimentícios e produtos básicos. Nos dias atuais, ela desempenha um papel de grande importância não só no abastecimento urbano, mas também no âmbito cultural da população dessa localidade.

Os entrevistados foram questionados sobre o que acham da feira local de Picuí, as primeiras palavras foram observadas nos discursos a seguir:

“Eu gosto e acho importante, porque aqui encontro produtos mais baratos”.

“A feira movimenta a economia local”

“É ótima, os produtos são frescos e aqui tem muita variedade”

“chegando cedinho os produtos são os melhores”

“Aqui é uma feira excelente, podia ser maior”.

“Venho logo na sexta, porque tudo tá mais fresco”.

Quando perguntados no âmbito cultural a importância da feira para a população local, as respostas foram:

“É importante para manter as tradições nordestinas”

“Mostra as diferenças”.

“A tradição aqui ainda existe”

“Desde criança frequento esse lugar, a tradição tem que continuar”

“É importante porque através dela temos um resgate cultural que perdura de geração para geração”.

“Lugar onde a gente troca informação”.

Figura 1: Feira Livre de Picuí/PB. Fonte: Própria

Figura 2: Disposição dos bancos e feirantes Fonte: Própria

Figura 3: Comercialização de legumes e verduras. Fonte: Própria

Figura 4: Comercialização de frutas e verduras. Fonte: Própria

Deste modo, o contexto cultural não faltam exemplos dessa manifestação na feira de Picuí/PB, onde lá encontra-se do peixe fresco aos plásticos, da sandália de couro aos importados, razão pela qual é ainda hoje um ponto de inserção de diferentes idades e classes sociais, um espaço que une a tradição à contemporaneidade sempre adaptando ao tempo, incorporando o ritmo eletrônico da cidade grande aos sonoros gritos e pregões dos ambulantes, vendedores, fregueses, dos velhos e meninos, trabalhadores e desocupados, todos conhecidos, todos personagem de um mesmo palco.

Os feirantes, principalmente, vivem em função deste comércio específico, tendo em vista a natureza intinerante, que varia um pouco de acordo com o grau de urbanização dos territórios. Em cidades médias e grandes, as feiras acontecem em bairros geralmente mais “populares” e sempre no mesmo dia da semana. Já nas cidades pequenas, as feiras livres são parcialmente fixas, pois alguns feirantes geralmente comercializam carnes, legumes, frutas e verduras vendem seus produtos todos os dias da semana.

Vale salientar que, nem todos os feirantes são produtores rurais, existem muitos intermediários comercializando na feira, mas que podem desempenhar importante papel no abastecimento de gênero alimentício, uma vez que trazem produtos oriundos de outras localidades e que não são produzidos na mesma região.

Conclusões

Depois todas as discussões a cerca do tema em tela e da pesquisa empírica que realizamos sobre a feira livre Picuí/PB, concluímos que mesmo diante do atual modelo consumista como o contemporâneo (pejadas de grandes conglomerados e supermercados globais) alguns costumes e tradições da sociedade são mantidos; um deles é a resistência da feira livre, fazendo permanecer a cultural de um povo por um longo período.

Dessa forma, percebe-se que a apesar de Picuí ser considerada uma cidade de pequeno porte em nível local, a feira livre ainda denota um grau de importância para a sociedade, pois pode-se perceber . Esse é um ambiente de conservação das afinidades comunitárias e igualitárias ou um *locus* de sociabilidades e sistema econômico local-regional para os diferentes segmentos das pessoas locais, mesmo que numa área em que predomina as relações mercantis. Embora, os sujeitos dessa pesquisa, os habitantes locais visualizam na feira um local de encontros e lazer, afinal, dia de feira é dia de festa, de encontro do homem do campo com os cidadãos que vivem nessa cidade, fazendo manter a cultural do seu povo.

Um outro ponto que merece ser levado em consideração é o espaço atual da feira livre, diante do seu progresso, o espaço encontra-se pequeno, e um dos principais assuntos quando se trata de melhoria tratados pelos feirantes seria um espaço mais amplo para tal fim.

Referências

AZEVEDO, P. F.; FAULIN, E. J. **Comercialização na agricultura familiar**. In: SOUZA.

AZEVEDO, P. F. **Comercialização de produtos agroindustriais**. In: BATALHA, M. O. (Coord.). Gestão agroindustrial. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2001. p. 64-99.

COELHO, A. **Os Parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida**. 11.ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul. 2009.

GODOY, Wilson Itamar; ANJOS, Flávio Sacco dos. **A importância das feiras livres ecológicas: um espaço de trocas e saberes da economia local**. Rev. Bras. Agroecologia, v.2, n.1, fev. 2007.

MENEZES, Vicente de Paulo Lima. **As feiras-livres em fortaleza- retrato da polissemia urbana**. Agosto – 2005

SANTOS, Milton, **O espaço dividido**. São Paulo, SP: Edusp, 2004.

VIEIRA, R. **Dinâmicas da feira livre do município de Taperoá**. 2004. Monografia. (Trabalho de conclusão do Curso de Geografia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2004.

<http://www.cnph.embrapa.br/public/textos/texto1.html> acesso em 26.06.2014